



## TERRITÓRIOS DA DIVERSIDADE: ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA GAY NO RIO DE JANEIRO

Rafael Chaves Vasconcelos Barreto<sup>1</sup>  
José Eustáquio Diniz Alves<sup>2</sup>

### *Introdução*

Muitas questões surgem ao se tratar dos homossexuais, variando desde o entendimento do que é um indivíduo homossexual e o que levaria um indivíduo a se tornar homossexual até a importância de se estudar esse grupo e por quais conflitos esses indivíduos passariam, dentre outras questões e curiosidades.

Atualmente muitas mudanças vêm ocorrendo e muito tem se falado em respeito à diversidade, às diferenças, algo que o Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, já pregava no momento da sua elaboração em 1948. No entanto as diferenças ainda são vistas com estranheza para muitos, principalmente quando essas fogem um determinado padrão dominante na sociedade, o que faz com que ela se transforme em desigualdade, resultando em grupos que ficam a margem da sociedade, não podendo usufruir de forma plena seu direito à liberdade.

Mas qual padrão dominante estaríamos nos referindo em se tratando da homossexualidade?

Até a primeira metade do século XX as mulheres não possuíam os mesmos direitos que os homens, como o direito ao voto que foi garantido em 1932, quando Getúlio Vargas promulgou o novo Código Eleitoral pelo Decreto nº. 21.076, de 24 de fevereiro<sup>3</sup>. Aparecem então heranças de um passado colonial de base patriarcal, onde a decisão do patriarca era soberana, não tendo a mulher direito a voz. Porém vemos que a mulher, graças às lutas dos movimentos feministas que vieram à tona na segunda metade do século XX, vem ganhando espaço e buscando igualdade de direitos em relação aos homens, aonde alguns hiatos como em relação à escolaridade de mulheres e homens vem se modificando, tendo a mulher conseguido se equiparar ao homem em relação a quantidade de anos de estudo, por exemplo. No entanto em relação ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, é possível perceber que embora ela esteja ganhando espaços que antes eram dominados pelos homens, não perdeu os antigos espaços, resultando em duplas/triplas jornadas,

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais – Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro SEEDUC. rcvbarreto@ig.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Demografia – Escola Nacional de Ciências Estatísticas ENCE/IBGE. jedalves@ibge.gov.br

<sup>3</sup> Informação retirada em <http://www.nucleomulher.ufrgs.br/feminismo.htm> acessado em 08 de junho de 2009.



pois além de atuar no mercado de trabalho ainda mantêm suas atividades no lar e no trato dos filhos, quando os tem, pois ainda há resistência dos homens em dividir tais atividades com as mulheres, ocorrendo em determinados casos transferência dessas atividades para outras mulheres, através da contratação de empregadas, babás, diaristas.

No caso do indivíduo homossexual existe geralmente uma identificação com o feminino, embora não seja possível afirmar que a homossexualidade masculina esteja ligada a feminilidade ou ao gênero feminino. No entanto, a sociedade muitas vezes se baseia em um estereótipo do indivíduo homossexual, feminino, representando assim uma quebra no padrão dominante de masculinidade (no caso do homossexual masculino), e a discriminação irá ocorrer com base nessa negação do masculino e conseqüente adoção de símbolos, trejeitos e atitudes que remetem ao feminino, o que fará com que todo simbolismo criado em torno do feminino como sexo frágil, instável e dependente, seja incorporado ao homossexual, determinando sua inferioridade diante do padrão masculino heteronormativo.

Essa discriminação irá resultar numa segregação desse grupo, que se dá social e também espacialmente, com a formação de espaços de convivência e interação homossexual, que surgem como uma forma de fuga e até mesmo de luta e resistência contra essa discriminação imposta pela sociedade dominante. Muitos grupos se agregam espacialmente através de afinidades, buscando uma forma de reunir seus semelhantes num determinado espaço, podendo isso ser visto como uma forma de auto segregação, o que acontece em parte no caso dos territórios de convivência homoafetivos. No entanto o que irá diferenciar esses espaços dos espaços de outros grupos, por exemplo, será a necessidade de existência desses para garantir que esse perfil de indivíduo exerça sua identidade, pois fora dele provavelmente sofrerá discriminação da sociedade, o que faz com que esses espaços se tornem uma necessidade e não uma escolha voluntária desse grupo.

Muitos são os fatores que determinam a formação de territórios e territorialidades, que variam desde a escala local até a global. No caso específico veremos como são delimitados territórios, resultando em espaços segregados, que no caso dos homossexuais formam territórios que resultam numa inclusão entre indivíduos semelhantes e exclusão desses perante o restante da sociedade, visto que ao mesmo tempo em que são espaços de interação onde os homossexuais podem vivenciar de forma plena sua identidade, indo ao encontro do seu semelhante, sofrem coerções ao vivenciar livremente sua identidade fora desses espaços.

Cabe ressaltar que nem todos os indivíduos caracterizados como homossexuais freqüentam espaços de interação *gays*, no entanto é possível supor que haja uma rede de relações em que



mesmo esses são atingidos através daqueles que freqüentam esses espaços. Outra estratégia seria o conhecimento também dos *cyberespaços*, entendidos como sites específicos que tratam da questão homossexual como o MixBrasil, bem como sites de relacionamento (Orkut, ManHunt, Disponível.com entre outros) que reúnem indivíduos de acordo com suas afinidades, que, embora sejam mais difíceis de serem mapeados devido à infinidade de possibilidades que o ambiente virtual disponha, podem ser identificados alguns de maior popularidade ou mesmo que tenham relação com determinado espaço propriamente dito.

Por fim é importante ressaltar o panorama atual da questão homossexual na sociedade brasileira para, entendendo o histórico do grupo, seus conflitos e conhecendo seus espaços de interação, seja possível verificar suas necessidades e propor a implementação de políticas que visem o bem estar e a reparação de danos causados por séculos de discriminação.

### *Discutindo Identidade*

Para iniciar essa discussão é importante ter em mente o conceito de identidade que, segundo Bauman (2005) é vista como um horizonte ao qual o indivíduo se empenha, se avalia, censura e corrige os seus movimentos, ou seja, define um sujeito. O mesmo autor ainda mostra que a identidade aparece como algo a ser inventada e não descoberta, ressaltando que o sujeito não nasceria com uma identidade pré-definida e sim iria construí-la ao longo de sua vida, sendo algo que ele compara a um “quebra-cabeça incompleto” onde sempre poderia ser acrescentada uma peça modificando o resultado da imagem desse sujeito ou acrescentando aquilo que falta. Seguindo esse raciocínio temos a contribuição de Hall (2000) nos mostrando que “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta”. O mesmo autor faz ainda um importante acréscimo sobre essa idéia ao dizer que essa necessidade existe “mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado”, o que explica um pouco a existência de identidades que sofrem silenciamento por parte do perfil dominante da sociedade. Nesse sentido o sujeito pode ser comparado a uma “colcha de retalhos”, onde cada “retalho” representaria uma identidade que compõe esse sujeito, ou seja, sua(s) identidade(s) pessoal(is).

De forma geral, para melhor tratar desse tema, devemos nos remeter à sociedade, levando em consideração a sua heterogeneidade que se dá em razão das diferenças entre os seus membros. No entanto essa heterogeneidade se reflete a partir do momento que as diferenças e semelhanças existentes entre os indivíduos ajudam a compor a nossa identidade.



Diariamente circula-se por diversos grupos, cada um com sua identidade característica, no entanto cada grupo pelo qual se circula irá muitas vezes refletir um pouco da identidade de seus componentes, dependendo do grau de envolvimento que cada um possui com o grupo. Isso é percebido facilmente através de um exemplo que Bauman (2005) nos dá ao citar uma queixa de sua amiga Agnes Heller ao afirmar estar “sobrecarregada de identidades” uma vez que é mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa. Analisando esse trecho percebemos que cada uma dessas adjetivações dada a Agnes Heller reflete um pouco do que ela é, ou seja, de sua identidade.

Judith Butler (2003) trás essa discussão para o campo do gênero e complementa ao explicar que quando “alguém diz que é mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é”. Nesse sentido, de forma mais ampla, uma pessoa ao dizer, por exemplo, que é brasileira, carioca, negra, espírita, torcedora do Flamengo e homossexual, de acordo com cada um desses fatores, se inclui em determinados grupos sociais com interesses, características e gostos específicos. No entanto veremos que isso ao mesmo tempo em que inclui esse indivíduo em determinados grupos o exclui de outros. Essa exclusão por vezes pode ocorrer quando alguma dessas identidades interfere em outros papéis que a pessoa representa.

A partir do momento que uma pessoa se diz brasileira, está se identificando com a cultura desse país, ao mesmo tempo em que ao se confessar espírita, revela que faz parte de um grupo que partilha o mesmo credo, deixando de partilhar de outros. Mas em alguns casos pode existir uma exclusão desnecessária, devido à pré-conceitos. É possível observar essa exclusão também a partir do momento que alguém se identifica como homossexual, revelando portanto que possui uma orientação, uma identidade sexual diferente da compartilhada pela maioria das pessoas, o que a princípio não justificaria uma exclusão, porém não é bem isso o que se vê no dia a dia. Esses indivíduos em muitos casos podem se encaixar no que Bauman (2005) chama de subclasse, onde a partir daí “qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori” (BAUMAN, 2005), ou seja, havendo exclusão desse indivíduo de outros grupos, o que prejudica sua inserção, por exemplo, em determinadas religiões, no mercado de trabalho, entre outros locais e grupos, como dito anteriormente.

Por receio, insegurança ou para se preservar de possíveis constrangimentos, uma pessoa pode ocultar uma determinada identidade para poder exercer certos papéis sociais, ou para poder participar de um determinado grupo. Nisso influem razões que variam desde a cultura de dominação em relação a certas posturas até preconceitos explícitos, que não aceitam que uma pessoa com uma determinada identidade frequente um grupo. Isso pode ser exemplificado pela difícil relação



existente entre judeus e palestinos, ou mesmo pela postura dos anglo-saxões brancos protestantes norte-americanos (WASP – White Anglo Saxon Protestant) em relação aos judeus, negros, orientais e indígenas. Ou, ainda em uma esfera mais próxima com a que está sendo tratada nesse trabalho, quando um filho não se assume gay com receio da reação de seus progenitores.

Portanto, os indivíduos passam por experiências de fragmentação em suas relações pessoais e em seu trabalho, circulando por grupos de identidades diversas, expressando também alguns dos papéis sociais que exercem (HALL, 1997 apud WOODWARD, 2000).

No entanto, no caso dos homossexuais, por sua história e recente luta por visibilidade, é possível perceber que cada vez mais a identidade homossexual ganha espaço. Pode-se dizer que esse grupo se encaixa no que Pierre Bourdieu (1984) chama de “campo social”, pois entre os grupos de homossexuais são encontradas muitas vezes verdadeiras famílias, tendo elas seus espaços de vivência, também definidas como “regiões morais”, bem como seus conjuntos simbólicos, e ao mesmo tempo mediados pelo que Hall (2000) chama de “significados culturais sobre sexualidade que são produzidas por meio de sistemas dominantes de representação” (HALL apud WOODWARD, 2000:32).

Nesse sentido veremos a seguir como essa identidade se manifesta territorialmente, através da formação de espaços de convivência homossexuais que vem se multiplicando no espaço urbano.

#### *Território como critério de análise*

A partir de agora será feita uma discussão a cerca do conceito de território, na tentativa de entender sua formação para, a partir disso, podermos entender o que acontece na prática com os territórios de convivência homossexual.

Para entendermos território, partiremos de uma conceituação dada por Raffestin (1993), mais abrangente, que irá definir território de forma mais ampla, como sendo formado a partir do espaço, sendo possível conferir em suas palavras da seguinte forma:

*O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator territorializa o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143)*

O trecho acima transcreve uma passagem onde Raffestin começa a definir território, citando para isso conceitos importantes como o de espaço além de ressaltar a presença do que ele chama de “ator sintagmático” na formação do território.

O autor nos mostra ainda em seguida alguns territórios, como o território nacional, por exemplo, como sendo uma produção feita a partir de um espaço, transformado pelas redes, circuitos



e fluxos que ali se instalam. É importante, no entanto, partindo do que foi falado, tentar entender o espaço, embora alguns autores, como Milton Santos, afirmem ser uma tarefa extremamente difícil de ser feita, porém importante para que esses conceitos não se confundam.

Nesse sentido, Santos (2002) dá sua contribuição no entendimento do espaço, colocando-o como uma categoria histórica, entendendo-o como sendo:

*... um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual.* (SANTOS, 2002, p. 153)

Na mesma linha vemos que o território pode ser entendido, segundo Souza, como (des)construído nas mais diversas escalas, desde a local até a global, passando pela nacional, escala que muitos autores afirmam estar passando por uma crise, como afirma Souza Santos, apud Araujo (2007) ao dizer que “... o espaço-tempo nacional estatal está perdendo a primazia, convulsionado pela importância crescente dos espaços-tempo global e local que com ele competem”. (SOUZA SANTOS, 1999, p. 42 e 43 apud ARAUJO, 2007, p. 34)

Podemos perceber ainda a interferência que exercem os atores e agentes sociais, independente da escala, atuando na formação territorial, aonde Limonad (2004) irá caracterizá-los como sendo um DNA territorial, podendo esse DNA ser desde a população de um determinado país, até os homossexuais que delimitam e compartilham de um determinado espaço, ou seja, de grupos, independente da escala analisada. Nesse sentido vemos a contribuição dada por Brunet, apud Claval que se aproxima do que foi abordado:

*O território diz respeito à projeção sobre um espaço determinado de estruturas específicas de um grupo humano [o DNA territorial] que inclui a maneira de repartição e, gestão ou ordenamento desse espaço.* (BRUNET et al., 1992, p. 436 apud CLAVAL, 1999, p.9)

Souza (1995) complementa a discussão mostrando que o espaço é apropriado, ocupado por um grupo social, delimitando o território em diversas escalas e de diferentes modos. Portanto, ainda segundo o autor a ocupação desse território é vista como algo gerador de raízes e identidade, onde em determinado momento esse grupo não poderá mais ser compreendido sem o seu território. Com isso o autor acrescenta à discussão a importância da identidade na construção territorial. Para Souza (1995) os territórios se apresentam como “*relações sociais projetadas no espaço*” sendo que ele ressalta também a importância da territorialidade, que seria “*aquilo que faz de qualquer território um território*”.

Através dessa breve explanação, é possível então compreender o território como construído a partir do espaço e formado a partir de territorialidades, sendo caracterizado ainda por uma relação



de poder exercida por determinados atores sobre um determinado espaço, podendo ser construído em diversas escalas e dotado de identidade. Partindo disso, o passo seguinte será entender na prática, através de exemplos, a formação dos territórios de convivência homossexual que vêm sendo formados nos mais diversos locais, sendo cada vez mais visíveis no cotidiano da nossa sociedade.

### *Espaços de Convivência Gay do Rio de Janeiro*

O presente trabalho teve como base para verificação dos tipos de espaços caracterizados pela frequência predominantemente homossexual, uma pesquisa realizada pela ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS) que em 1993 fez um levantamento de locais homossexuais encontrados no Rio de Janeiro, com o objetivo de, sabendo os locais de concentração homossexual, pudessem utilizar esses dados para que fossem realizadas políticas de prevenção ao HIV/AIDS entre os frequentadores.

Com base nesse levantamento, foi possível tipificá-los e verificar uma diversa gama de locais frequentados por esse grupo, tendo cada tipo de local uma particularidade. No entanto para facilitar sistematização das informações e o entendimento da questão, esses locais serão divididos entre espaços públicos e espaços privados/comerciais.

Desse modo os espaços públicos se caracterizam, de forma geral, por aqueles onde a sua frequência não depende uma transação comercial, ou seja, pagamento de entrada ou consumo de produtos. São caracterizados também por terem sido apropriados como área de convivência homossexual, dado que essa não seria sua função original, havendo assim um processo de (re)territorialização.

Enquanto isso os espaços privados se caracterizam basicamente por haver transação comercial como garantia de presença do frequentador, caracterizados desse modo por serem estabelecimentos comerciais que estão voltados especificamente ao público LGBT. É importante definir como transação comercial aquilo que garante a entrada e/ou permanência do frequentador no estabelecimento, o que pode variar desde o pagamento de um bilhete de entrada, no caso de boates e saunas, até certa consumação mínima, no caso de bares.

Dentre os espaços públicos podemos citar alguns espaços que possuem características distintas entre si, principalmente devido ao uso que será dado a esse espaço. Nesse sentido, dentre os espaços públicos de mais comum utilização, onde é possível de serem encontradas territorializações homoeróticas temos: praias; praças de alimentação de shoppings; banheiros públicos, de shoppings e de lanchonetes; determinadas ruas da cidade.



Como exemplo mais visível desse tipo de território temos os encontrados em praias, principalmente devido ao fato da praia se caracterizar por ser um espaço de convivência onde, de alguma forma os corpos estão à mostra e nesse sentido possui em si uma capacidade de tornar visível a diversidade, propiciando maior liberdade.

No Rio de Janeiro temos dois espaços homossexuais conhecidos encontrados nas praias de Copacabana e Ipanema. Em Copacabana o trecho onde se encontra a territorialidade homossexual se localiza em frente ao Hotel Copacabana *Palace*. Essa territorialidade existe nesse local desde a década de 1960, e possui o apelido de “bolsa de valores”, pois seria o locais onde *gays* e travestis iriam expor o corpo para possíveis turistas que estivessem hospedados no hotel, e o sucesso de suas “conquistas” os faziam comparar às ações da bolsa, pois estariam ou não “valorizadas”.

A segunda territorialidade homossexual encontrada em praias cariocas está localizada em Ipanema, como citado anteriormente, encontrado em frente à Rua Farma de Amoedo.

No que tange os espaços privados, é possível verificar que existe atualmente uma vasta gama de opções de estabelecimentos comerciais voltados a esse grupo, que vem sendo visto como importante nicho de mercado a ser explorado. No entanto a visão desse grupo como nicho de mercado a ser explorado surge a partir de meados da década de 90.

Segundo Ragusa (2005) a desvinculação da imagem do homossexual com a AIDS aliada à crise econômica dos anos 90 fez com que os empresários enxergassem os homossexuais como um nicho a ser explorado.

Seguindo essa tendência o Brasil também vê a partir de meados da década de 90 a homossexualidade ganhar espaço também através da mídia e com isso aumentar a oferta de serviços e espaços comerciais voltados à esse público explorando o hoje conhecido *Pink Money* ou *Capital Rosa*, apelido dado capital oriundo de homossexuais.

Dessa forma cabe verificarmos a existência de uma gama de locais comerciais, ou seja, espaços de convivência privados, voltados ao público LGBT. Dentre os espaços de convivência privados, existe uma diferença entre aqueles que promovem uma interação sem vínculo sexual, ou esse tipo de interação não aparece como principal objetivo do freqüentador, e os que promovem interação com vínculo sexual. Dentre os primeiros podemos citar as boates e bares, que são locais onde os indivíduos podem interagir entre si, conversar e até mesmo flertar de forma segura, sabendo que esses locais são freqüentados por indivíduos que partilham da mesma identidade ou que a respeitam.



Dentre os locais onde é permitido o contato sexual, de acordo com as observações realizadas no decorrer do estudo, ou esse aparece como principal atrativo do local existe os cinemas pornô, os sex shops especializados, as saunas e os estabelecimentos voltados à prostituição (prostíbulos, “infernhos”).

No presente trabalho não será possível detalhar cada tipo de espaço, por ter havido uma opção por um enfoque teórico, partindo do entendimento da formação desses territórios, mas é importante ressaltar que o entendimento da dinâmica desses locais de frequência homossexual, bem como do perfil do frequentador são de grande importância para melhor pensarmos em políticas que visem a saúde e o bem estar dessa população que em muitos casos aparece camuflada no meio de uma sociedade que oprime a manifestação dessa identidade.

### *Reflexões Finais*

Ao longo do estudo procurou-se entender um pouco sobre como se dá a formação de um território a partir de uma determinada identidade, enfocando nesse sentido a escala local, verificando também as estratégias representadas através das territorialidades que, nesse caso são expressas através do campo simbólico que essa identidade possui bem como a ocupação efetiva da mesma nesse determinado espaço.

O grupo escolhido nesse estudo, os homossexuais, nos levou e leva constantemente a refletir sobre alguns temas nos levando a refletir sobre nossa sociedade atual, com seus tabus e preconceitos, tentando discutir formas de se amenizar esse que ainda é um problema para muitos indivíduos.

Vemos que esse grupo, além da busca de um campo simbólico que o faça ser reconhecido por seus semelhantes, em muitos casos procura nos territórios de convivência uma proteção, pelo medo do preconceito, da rejeição, fazendo com que o território definido por essa identidade seja não só um local de convivência, mas também um espaço de fuga, um refúgio, onde o indivíduo poderá exercer sua identidade de forma plena, sem ser repreendido.

Portanto gostaria de com esse trabalho deixar uma reflexão sobre esse tema, refletindo sobre os preconceitos que perpassam a sociedade, revendo posturas, para que cada vez mais possamos pensar numa sociedade igualitária, onde todas as identidades sejam respeitadas, e onde os territórios como os de convivência homossexual não sirvam mais como um abrigo, como esconderijo, mas como um local de convivência pacífica, onde todos circulem sem medo do diferente, e



principalmente, que essa diferença seja respeitada também fora desses territórios, não havendo mais exclusões, nem discriminações.

### *Bibliografia*

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 2005

CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

CLAVAL, P. *O Território na Transição da Pós Modernidade*. GEOgraphia. Ano I. N. 2. Rio de Janeiro, RJ. 1999.

HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença : a perspectiva dos estudos culturais*/ Tomaz Tadeu da Silva (org.) : tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.133p

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.

RAGUSA, Angela T. *Social change and the corporate construction of gay markets in the New York Times' advertising business news*. Media, Culture & Society. Vol. 27(5): 653–676. London, 2005.

SANTOS, M. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo, SP. Ed. Edusp, 2002.